REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

DISCURSIVIDADES SOBRE O ENSINO DE LITERATURA DE CORDEL EM MATERIAIS PEDAGÓGICOS: A INTERPRETAÇÃO DISCURSIVA E O FETICHE DA ESTRUTURA

DISCOURSES ON THE TEACHING OF CORDEL LITERATURE IN PEDAGOGICAL MATERIALS: DISCURSIVE INTERPRETATION AND THE FETISH OF STRUCTURE

DISCURSOS SOBRE LA ENSEÑANZA DE LA LITERATURA DE CORDEL EN MATERIALES PEDAGÓGICOS: INTERPRETACIÓN DISCURSIVA Y EL FETICHISMO DE LA ESTRUCTURA.

Genivaldo do Nascimento
Doutor em Ciências da Linguagem
Universidade de Pernambuco-UPE/Brasil
Faculdade de Petrolina-FACAPE/Brasil
genivaldo.nasimento@upe.br

Brenda Mércia do Nascimento Lima
Bacharelanda em Jornalismo
Uninter/Brasil
Brendamercia17@gmail.com

Vlader Nobre leite
Mestre em Letras
Universidade de Pernambuco-UPE/Brasil
Secretaria de Educação da Bahia
vladernobreleite@gmail.com

Lusineide Carmo Andrade de Lacerda
Doutora em Ciências da Linguagem
Universidade de Pernambuco-UPE/Brasil
lusineide.lacerda@upe.br

Carlos Eduardo Romeiro Pinho
Doutor em Ciências da Linguagem
Universidade de Pernambuco-UPE/Brasil
Faculdade de Petrolina-FACAPE/Brasil
romeiro@yahoo.com

RESUMO

Esse estudo trata do funcionamento das discursividades sobre o ensino de literatura de cordel em livros didáticos de língua portuguesa e em uma atividade de compreensão de texto veiculada na internet. O uso desse gênero literário tem se constituído como parte do discurso pedagógico na Educação Básica nos últimos anos no Brasil. Essa pesquisa envolve dois gestos de leitura: a) a interpretação discursiva dos livros didáticos sobre poemas de cordel; b) os próprios movimentos interpretativos desse estudo, os quais se constituem como leitura da interpretação das discursividades desses materiais pedagógicos. Esse trabalho de pesquisa teve como objetivo geral analisar, à luz de elementos da Análise do Discurso de linha francesa pecheutiana (AD), o funcionamento das

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

discursividades sobre o ensino de/e com cordel em livros didáticos de língua portuguesa. A problemática desse estudo analisou os equívocos, silenciamentos, apagamentos, falta, excesso, estranhamento e as incompletudes nas discursividades sobre o cordel veiculadas em livros didáticos de língua portuguesa. O embasamento científico, portanto, foi o aporte teórico-metodológico da AD francesa pecheutiana. Quanto à metodologia, esta pesquisa foi de cunho qualitativo e o método de análise, o descritivo-interpretativo. Como resultados dessas análises e discussões, essa pesquisa indica que os livros didáticos, geralmente, consideram que a interpretação está na estrutura do cordel (o sentido está lá), em uma perspectiva formalista-logicista. Com isso, esses materiais não fazem o batimento descrição-interpretação porque direcionam o olhar somente para a descrição da materialidade linguística. Esses materiais pedagógicos, na interpretação do poema de cordel, à luz dos elementos da AD, não analisam os enunciados a partir da equivocidade e dos espaços discursivos não estabilizados.

Palavras-chave: Análise discursiva; Cordel; Interpretação; Discursividades.

ABSTRACT
This study addresses the functioning of discourses on the teaching of cordel literature in Portuguese language textbooks and in a text comprehension activity disseminated on the internet. The use of this literary genre has become part of the pedagogical discourse in Basic Education in recent years in Brazil. This research involves two reading gestures: a) the discursive interpretation of textbooks on cordel poems; b) the interpretative movements of this study itself, which constitute a reading of the interpretation of the discourses of these pedagogical materials. This research work had the general objective of analyzing, in light of elements of Pecheutian French Discourse Analysis (AD), the functioning of discourses on the teaching of/and with cordel in Portuguese language textbooks. The problem of this study analyzed the misunderstandings, silences, erasures, lack, excess, estrangement, and incompleteness in the discourses on cordel disseminated in Portuguese language textbooks. The scientific basis, therefore, was the theoretical-methodological contribution of Pecheutian French Discourse Analysis. Regarding methodology, this research was qualitative in nature, and the method of analysis was descriptive-interpretative. As a result of these analyses and discussions, this research indicates that textbooks generally consider that interpretation is in the structure of the cordel (the meaning is there), from a formalist-logicist perspective. Therefore, these materials do not make the description-interpretation connection because they only focus on the description of linguistic materiality. These pedagogical materials, in the interpretation of the cordel poem, in light of the elements of Discourse Analysis, do not analyze the statements from the perspective of equivocation and unstable discursive spaces.

Keywords: Discourse analysis; Cordel; Interpretation; Discursivities.

RESUMEN
Este estudio aborda el funcionamiento de los discursos sobre la enseñanza de la literatura cordel en libros de texto de portugués y en una actividad de comprensión de textos difundida en internet. El uso de este género literario se ha incorporado al discurso pedagógico de la Educación Básica en Brasil en los últimos años. Esta investigación implica dos gestos de lectura: a) la interpretación discursiva de los libros de texto sobre poemas cordel; b) los movimientos interpretativos del propio estudio, que constituyen una lectura de la interpretación de los discursos de estos materiales pedagógicos. El objetivo general de esta investigación fue analizar, a la luz de elementos del Análisis del Discurso Francés Pecheutiano (AD), el funcionamiento de los discursos sobre la enseñanza de/y con cordel en los libros de texto de portugués. El problema de este estudio analizó los malentendidos, silencios, omisiones, falta, exceso, extrañamiento e incompletitud en los discursos sobre cordel difundidos en los libros de texto de portugués. La base científica, por lo tanto, fue la contribución teórico-metodológica del Análisis del Discurso Francés Pecheutiano. En cuanto a la metodología, esta investigación fue de naturaleza cualitativa, y el método de análisis fue descriptivo-interpretativo. Como resultado de estos análisis y discusiones, esta investigación indica que los libros de texto generalmente consideran que la interpretación reside en la estructura del cordel (el significado está ahí), desde una perspectiva formalista-logicista. Por lo tanto, estos materiales no establecen la conexión descripción-interpretación, ya que se centran únicamente en la descripción de la materialidad lingüística. Estos materiales

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

pedagógicos, en la interpretación del poema del cordel, a la luz de los elementos del Análisis del Discurso, no analizan los enunciados desde la perspectiva de la ambigüedad y los espacios discursivos inestables.

Palabras clave: Análisis del discurso; Cordel; Interpretación; Discursividades..

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo analisa como as discursividades sobre o ensino de/com cordel, geralmente, seguem a perspectiva fetichizada estruturalista nas atividades de interpretação de poemas desse tipo de literatura, negando a "exterioridade constitutiva na construção dos sentidos: o interdiscurso, a memória, um 'já' dito anterior e exterior à existência de qualquer dito" (Orlandi, 2007,p. 138). Assim, a questão-problema desse trabalho de pesquisa foi: como é o funcionamento das discursividades sobre o ensino de/com cordel em poemas de cordel em livros didáticos de língua portuguesa?

O objetivo geral desse estudo foi investigar o processo de construção de sentidos no funcionamento das discursividades do/sobre o cordel. A relevância desse estudo está na necessidade que alunos e professores de língua portuguesa têm de interpretar discursivamente poemas de cordel. Esse estudo, portanto, analisou o desvelamento/desfetichização das discursividades que produzem gestos de leitura sobre o ensino de/com cordel em livros didáticos de língua portuguesa. Quanto aos objetivos específicos, essa pesquisa desenvolveu os seguintes: a) identificou os elementos linguístico-discursivos que produzem os efeito de sentido no cordel; b) analisou o interdiscurso como elemento da exterioridade constitutiva; c) descreveu os processos de apagamentos e silenciamentos nos gestos de leitura sobre o ensino de/com cordel em livros didáticos de língua portuguesa.

Como apoio à fundamentação teórica, foi feito um recorte dos estudos sobre o cordel em três vertentes. Uma delas é o da historiografia do cordel. Esses trabalhos de pesquisa investigaram temas como influência, origem, estrutura poética, autores, editores e elementos da cadeia produtiva, de veiculação e recepção do cordel. Nessa terceira vertente, os estudos analisam, geralmente, o uso do cordel na/pela escola. Descrevem/interpretam metodologias e resultados de atividades que usam o cordel para o ensino de conteúdos. Alguns, fazem uma reflexão crítica acerca da utilização desse tipo de literatura no ensino; outros usam o aporte teórico da Análise do Discurso, caminho escolhido por esse estudo.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

As práticas linguístico-discursivas envolvendo o cordel são, geralmente, influenciadas pela historicidade. Assim, o sentido do cordel não estava na estrutura (estrofe, versos, oração, rimas etc) nem na historiografia literária. Esse sentido não está na estrutura do cordel por ser construído em um processo de significação na relação do trinômio língua-história-ideologia.

> Pensamos que uma referência à História, a propósito das questões de Linguística, só se justifica na perspectiva de uma análise materialista do efeito das relações de classes sobre o que se pode chamar as "práticas linguísticas" inscritas no funcionamento dos aparelhos ideológicos (Pêcheux, 1995, p. 24. Grifo do autor).

Esse estudo analisou, portanto, a partir dos procedimentos teórico-metodológicos da AD, os equívocos, silenciamentos, as falhas, lacunas, apagamentos e as incompletudes de discursividades sobre o cordel veiculadas em livros didáticos de língua portuguesa, os quais se constituíram como o arquivo discursivo *(corpus)* dessa pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. **Discurso, fetiche e estrutura**

O recorte sobre o fetiche que usamos nesse estudo foi o da perspectiva do materialismo histórico. Algumas características do fetiche da mercadoria podem ser usadas para a compreensão das discursividades de/sobre o cordel. Quando, por exemplo, o ensino de/sobre o cordel apaga os aspectos ideológicos e centra o olhar somente na estrutura do poema, entendemos que existe uma *fetichização* no processo de ensino-aprendizagem porque reifica os sujeitos envolvidos e apaga parte do trabalho humano na construção desses poemas. Nessa prática de ensino estruturalista, há um aspecto fantasmagórico que apresenta a magia do cordel como solução para muitos problemas (de leitura, compreensão da gramática e de conteúdos pedagógicos). Nessa metodologia de ensino do cordel, com o olhar voltado somente para a estrutura, percebemos uma construção do fenômeno da falsa consciência que produz uma representação sobre o objeto que não corresponde com a realidade.

Podemos dizer que o fetiche da estrutura está a serviço das ciências régias (Pêcheux, 2006). Ele contribui para a construção de representações naturalizadas, como as que afirmam ser (sempre) o cordel um excelente material de apoio didático para o ensino de conteúdos por causa de sua característica lúdica e da tradição

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

cultural. É o que Pêcheux (2006, p. 51) chamaria de “manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento”. Para que essa *desfetichização* ocorra, entendemos que se faz necessário analisar o poema de cordel em uma perspectiva da interpretação discursiva.

O fetiche, na perspectiva do materialismo histórico, um dos elementos do alicerce de filiação teórica da AD, produz movimentos que apresentam as coisas (no nosso estudo, o cordel) como se tivessem características mágicas controladoras dos dispositivos de comportamentos humanos. A fetichização faz com que as coisas determinem as relações sociais e não o contrário. A interpretação discursiva pode ser uma força nesse movimento de *desfitichização* porque mostra o equívoco, a falha, a incompletude da língua. “É só por ilusão que se pensa poder dar a ‘palavra final’. O dizer também não tem um começo verificável: o sentido está (sempre) em curso” (Orlandi, 2007, p.11).

A força do fetiche (discursiva, ilusória e controladora) organiza as relações sociais. O fetiche, para Marx, está na relação que a mercadoria produz com o sujeito, o qual participa das relações sociais apenas como um ser passivo, pois é dominado pelo poder do “feitiço” (poder mágico) que a mercadoria exerce sobre ele.

Os estudos linguísticos sistêmicos ou pragmáticos fetichizam a língua porque têm como objeto de observação investigativa a língua, a frase, a palavra e/ou a estrutura do texto e reifica o sujeito. A perspectiva adotada por Rask, Grimm e Bopp, ao desenvolverem o método comparativo na Linguística Histórica, centrou o olhar investigativo nas mudanças da língua e desconsiderou a importância do contexto de fala e do sujeito falante. O Estruturalismo, o Gerativismo e o Formalismo também “olham” somente para a língua como entidade que tem vida própria, fetichizando-a. Nessas correntes de estudo, o que importa são as regras do sistema que fazem parte da estrutura da língua e/ou do texto. Os elementos contextuais, subjetivos, ideológicos e subjetivos não exercem, segundo essas teorias, influência no dito ou já-dito.

Para a Análise de Discurso Francesa, os elementos exteriores à língua são parte constitutiva do seu funcionamento (exterioridade constitutiva).

> Diremos que as contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua são constituídas pelas relações contraditórias que mantêm, necessariamente, entre si ‘os processos discursivos’, na medida em que se inscrevem em relações ideológicas de classes” (Pêcheux, 1995, p.93).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

Mitos e fetiches estão a serviço do funcionamento da ideologia, aqui "definida pelo processo histórico-discursivo, portanto enquanto linguagem" (Orlandi, 2007, p. 146). Esta, como prática social e não como um conjunto de ideias, precisa da linguagem e do discurso para existir. Para analisarmos de que forma a ideologia afeta a língua e linguagem, entendemos que é preciso investigar o funcionamento não da frase, da palavra ou do texto e sim do discurso.

Voltando para a seara da linguagem, podemos dizer que os estudos linguístico-gramaticais, que têm o grego Aristóteles e o indiano Panini como maiores representantes, estabelecem como recortes de análise a palavra e a sentença/frase. Aristóteles dá ênfase à divisão entre sujeito e predicado. Depois Dionysius Thrax apresentou as categorias que classificaram as palavras em substantivos, verbos, artigos, preposições, conjunções, advérbios e particípios (Trask; Mayblin, 2013)

Esses estudos que começaram na Grécia e na Índia influenciaram, de forma direta ou indireta, em trabalhos futuros, como: na descrição da Gramática Latina, na Gramática de Port-Royal, Linguística Histórica, no Estruturalismo de Saussure e na Gramática Gerativa de Chomsky. Essas perspectivas (inatistas e estruturalistas), presas à palavra e sentença/frase, apesar da contribuição científica inegável, falham porque apagam/silenciam os fatores externos à língua e que atravessam-na, a exemplo da ideologia e da historicidade.

Se as perspectivas inatistas e estruturalistas ficam presas à palavra/frase, as funcionalistas e pragmáticas deslocam o olhar para o enunciado e o texto. No entanto, é a perspectiva discursiva que acolhe os elementos externos à língua como parte constitutiva da língua.

Para além das outras perspectivas tradicionais de língua (expressão do pensamento, instrumento de comunicação e interação verbal), quanto ao ensino de língua, é muito importante que os professores tenham conhecimento dessas três concepções, como afirma Indursky (2023):

> Não considero que estas concepções teóricas devam fazer parte diretamente dos programas de ensino na escola. Mas pretendo que devam fazer parte da formação do futuro professor de língua, materna e ou estrangeira. Entendo-as como essenciais para a formação do professor. Todo professor e/ou futuro professor deve perceber com clareza que a língua sistêmica e transparente é *uma* concepção dentre outras e não *a* única concepção. A língua sistêmica mostra como a língua funciona, é muito importante, mas, dependendo do que se pretenda realizar com os alunos, não basta. Depois de saber que como a

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

> língua sistêmica funciona, é preciso examinar seu funcionamento semântico e/ou discursivo e, a partir dele(s), perceber os sentidos ou efeitos de sentido do que tais funcionamentos produzem[...] só assim seus alunos saberão, por sua vez, usar a língua para produzir sentidos em suas atividades dentro e fora da escola.

Quando temos a ilusão de que somos fontes da ação comunicativa, aceitamos como verdade absoluta o lema da Pragmática "todo dizer é fazer". Assim, nessa perspectiva, teorias como os Atos de Fala de Austin veem os enunciados sendo produzidos por sujeitos desprovidos de inconscientes e de ideologia. Isso porque se considerarmos que se "todo dizer é fazer", é verdade também que "todo dizer depende do fazer", isto é, o fazer produz o dizer e não o contrário. Os sapiens criaram a linguagem de ficção (dizer), mas o fizeram a partir de práticas sociais (fazer). E esse fazer tem forte influência da ideologia. O enunciado (forma de dizer), portanto, já nasce afetado com a ilusão de que as palavras têm vida própria, ou seja, elas mesmas fazem a ação (realizam coisas sozinhas, sem a interferência humana). Se assim acreditarmos, aceitaremos como nulo o que vem antes e o que está fora do uso delas. É como se elas tivessem vida, numa perspectiva fantasmagórica e fetichizada, como Marx se referiu às mercadorias. O ser humano, assim, seria reificado, ocupando a posição de uma coisa que serviria apenas para fazer a palavra-mercadoria ter vida própria.

A história da Análise de Discurso, iniciada por Pêcheux na França, não pode ser contada sem considerar a influência da psicanálise, da Linguística saussuriana e do materialismo histórico, uma vez que o sujeito na AD é ideológico e é atravessado pelo inconsciente. Para a AD é o fazer, afetado pela ideologia, que produz o dizer e o dizer produz o fazer. O enunciado, sendo o dito (oral ou escrito) com contexto, é esse dizer e é, portanto, contaminado pela ideologia. "O conceito de ideologia em geral permite pensar 'o homem' como 'animal ideológico' " (Pêcheux, 1995, p. 152).

A perspectiva sistêmica da língua é, de certa forma, acolhida pela AD. No entanto, a visão materialista da língua apresentada por Pêcheux e seu grupo acrescenta elementos da ideologia que desconstroem os conceitos basilares do Estruturalismo linguístico.

> O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc, não existe 'em si mesmo' (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

> que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições etc, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência às formações ideológicas (Pêcheux, 1995, p.160).

O dito e o não-dito carregam imagens que afetam a construção do sentido. Por exemplo, quando o debate acerca da transposição do rio São Francisco era acalorado, o governo resolveu, nas propagandas oficiais, denominar o projeto de integração de bacias. Ao usar o termo *integração*, a intenção era influenciar no processo de construção de sentidos, produzindo um discurso positivo sobre o tema.

Os processos de produção de sentidos sempre receberam atenção especial pela Análise do Discurso, desde a AAD69 (primeira fase) até as últimas pesquisas lideradas por Pêcheux na década de 80 do século XX. A perspectiva discursiva aponta para a necessidade de investigarmos elementos como o silenciamento, apagamentos, interdiscursos, memória discursiva e não-ditos em geral no processo de construção dos sentidos (Orlandi, 2012).

A escola, por exemplo, nas atividades de interpretação de texto, geralmente, busca apoio na Linguística Estruturalista e vê a linguagem como transparente, ignorando a ideologia materializada no texto. Basta olharmos os enunciados das questões das provas que têm como objetivo a classificação sintática e morfológica; nos planos de ensino e sequência didática; nos livros didáticos etc. Em todos esses exemplos, a interpretação tem como referência principal o dito no texto, ou seja, é predominante o direcionamento do olhar de quem interpreta para a superfície do texto. No Enem, na prova de Redação, por exemplo, o aluno interpreta o tema a partir das informações contidas explicitamente nos textos de apoio.

Essa procura pelos sentidos na superfície do texto *fetichiza* a língua. Assim como o fetiche da mercadoria faz com que haja um apagamento das ações humanas no processo de produção dessa mercadoria, buscar os sentidos exclusivamente no sistema da língua apaga a construção deles como processo social. É como se o sentido estivesse na língua. Como consequência dessa fetichização no ensino de língua, pode ser construída a alienação do aluno, ou seja, o apagamento das condições de produção dos sentidos.

A interpretação da língua e dos textos, à luz dos elementos da Análise de Discurso, é uma força *desfetichizante* dos sentidos porque aponta para o

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

funcionamento de processos de construção dos sentidos. Para Orlandi (2007, p. 46), “o gesto de interpretação é o lugar em que se tem a relação do sujeito com a língua. Esta é a marca da ‘subjetivação’, o traço da relação da língua com a exterioridade”.

Como a língua é constituída por falhas e equívocos, a interpretação atua no desvelamento dos processos de construção de sentidos. Apesar da existência de ciências régias (Pêcheux, 2006) que tentam regular a produção e recepção dos sentidos, a AD afirma que

> Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação (Pêcheux, 2006, p.53).

Essa *desfetichização* do texto e da língua direciona o olhar do sujeito que interpreta para além da forma e da estrutura. Busca desconstruir a naturalização do real, ou seja, não aceita que o “real é impossível” (Pêcheux, 2006) por conter falhas, incompletudes, equívocos. Todo fato pode ser interpretado. “Não nos interessa, nessa perspectiva discursiva, a *organização* do texto. O que nos interessa é o que texto organiza em sua discursividade, em relação à ordem da língua e das coisas: a sua materialidade” (Orlandi, 2007, p. 57).

A interpretação, à luz da Análise do Discurso, mobiliza elementos como a paráfrase, polissemia, silenciamentos que atuam na relação do real da língua e da história. Dessa forma, a interpretação é uma força *desfetichizante,* pois tem a capacidade de desvelar aspectos escondidos pelo poder do fetiche materialista. Aqui cabe uma observação. Quando falamos em *desfetichização*, não estamos, de maneira alguma, fazendo referência a uma crença ingênua de que é possível produzir essa desfetichização fora do universo categorial. O ato de *Desfetichizar* está relacionado à ação de desvelamento de alguns aspectos do fetiche da visão sistêmica da língua. Essa preocupação com a aplicação do conceito é percebida em estudos como o de Zacharias (2021, p. 271):

> A imensa maioria das produções rastreadas não explicita qualquer forma de abordagem que remeta o conceito de fetichismo ao universo categorial no qual ele se insere. Ou, até mesmo, quando se remetem à teoria na qual e se insere o referido conceito, ao trazer essa teoria para o conjunto argumentativo, acabam, por vezes, se eximindo de relacionar apropriadamente esta teoria com a temática tratada me cada produção.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

Não foi objeto desse nosso trabalho mapear as diversas concepções de fetichismo. Embora esse conceito seja usado no fazer científico de várias áreas das Ciências Humanas e Sociais, e exemplo da Antropologia/Etnografia (de Brosses); Psicanálise (freud) e na Sociologia (Comte e Bourdieu), é a visão do materialismo histórico(Marx) que melhor explica o fetiche da língua em uma perspectiva sistêmica.

> Com o fetichismo do signo, a língua é percebida como um simples instrumento de mediação entre realidades prévias independentes da linguagem, permitindo exteriorizar a inconsistência do sistema da língua como pressuposição do referente. Por esse motivo, torna-se inteiramente lícito considerar que o correlato do fetichismo do valor semântico é, por um lado, a pressuposição do referente extrassimbólico e, por outro, a reificação do próprio sujeito (Cardoso, 2007,p. 7).

Para Pêcheux (2006), as ciências régias regulamentam essa produção de sentidos. Elas buscam a homogeneidade dos sentidos por meio da gestão das coisas-a-saber nos espaços discursivos estabilizados. Segundo esse teórico francês, o Estruturalismo busca a descrição pura e apaga, coloca em suspensão a interpretação. Esta, constituída por elementos como a equivocidade, pode ser essa força *desfetichizante* dessa pretensa homogeneidade dos sentidos e da visão da língua como algo transparente.

Essa discussão acerca da *desfetichização* da língua é importante nesse trabalho de investigação porque, entre outros motivos, fornece elementos para o estudo das discursividades do ensino do/com cordel em materiais pedagógicos.

> A noção de funcionamento, estendida para o discurso, faz com que não trabalhemos apenas com o que as partes significam, mas que procuremos ‘ quais são as regras que tornam possível qualquer parte’. Nessa perspectiva - que introduz o discurso no campo das ciências da linguagem- a proposta então é explicar os mecanismos de funcionamento do discurso [...] o trabalho do analista de discurso é mostrar como um objeto simbólico produz sentidos, como os processos de significação trabalham um texto, qualquer texto (Orlandi, 2007, p.80).

2.2.**Algumas concepções de gêneros textuais acolhidas neste estudo**

Mesmo considerando que os conceitos de gêneros discursivos não fazem parte do arcabouço teórico da Análise de Discurso de perspectiva francesa, fazemos uso deles porque a literatura de cordel, objeto de estudo dessa pesquisa, é vista nos livros didáticos de língua portuguesa (*corpus* desse estudo) como gênero textual. Por esse motivo, acreditamos ser importante descrever o recorte feito nessa pesquisa acerca desses conceitos de gêneros discursivos.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

Quanto ao conceito de gênero textual ou discursivo (não é objetivo desse trabalho estabelecer diferenças conceituais de nomenclatura nesse campo), consideramos, neste artigo, os estudos de Bazerman (2006, p. 75):

> Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. ***Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos*** (grifo nosso).

Nessa concepção de Bazerman, os gêneros organizam atividades e pessoas. A própria existência social depende deles. O nascimento biológico do ser humano pode ser atestado pelo choro, mas a criança só existirá socialmente se for feita uma certidão de nascimento confirmando esse nascimento. Da mesma forma, uma pessoa só morrerá para a sociedade se for feito um atestado de óbito, ou seja, para, nascermos, vivermos e morrermos, precisamos dos gêneros textuais. “Os gêneros tipificam muitas coisas além da forma textual. São parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais” (Bazerman, 2006, p. 31”)

Já Bezerra (2002, p. 42), ao acolher o olhar de Dean (2008), prefere conceituar gêneros pelo que eles não são e elabora nove teses interessantes:

> 1-Os gêneros não são ou discursivos ou textuais; 2-os gêneros não são apenas formas; 3-os gêneros não se materializam em textos;4-o gênero não está no texto, o texto não está no gênero; 5-os gêneros não são apenas convenção, mas também inovação; 6-os gêneros não são entidades isoladas ou isoláveis; 7-os gêneros não são escolhas e sim respostas a situações retórica recorrentes;8-os gêneros não são o foco principal do ensino de língua; 9-os gêneros não são neutros e sim ideológicos.

Essas teses são importantes especialmente para a reflexão acerca do ensino de gêneros na escola. A consistência argumentativa da tese 2 (*os gêneros não são apenas formas*) é justificada pelo que é afirmado na 9 (*os gêneros não são neutros e sim ideológicos*). Um ensino explícito de gêneros feticihiza a forma e apaga os elementos ideológicos. Podemos dizer que essa fetichização da forma/estrutura pela escola foi um equívoco na interpretação do aspecto relativamente estável criado por Bakhtin. Para Marcuschi (2005, p.18):

> Existe uma grande variedade de teorias de gêneros no momento atual, mas, pode-se dizer que as teorias de gênero que privilegiam a forma ou a estrutura estão hoje em crise, tendo-se em vista que o gênero é essencialmente flexível e variável, tal como o seu componente crucial, a linguagem. Pois, assim como

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

> a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se. Em suma, hoje, a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estrutural.

3. METODOLOGIA

Com Pêcheux, a AD apresenta um caminho metodológico a ser trilhado sem imitar as técnicas das Ciências da Natureza. A AD recusa a ideia de que para fazer ciência é preciso ter objetividade e neutralidade ao acolher o inconsciente e a ideologia no fazer científico. Ela cria seu próprio objeto para observar que não é a língua nem a fala: o discurso. Para operacionalizar essa observação, a AD cria um método de análise dos dados: a interpretação, por meio da desmontagem (descrição de textos).

É esse caminho aberto pela AD que essa pesquisa trilhou. A seguir, há a descrição dos elementos dessa pesquisa, como o *corpus* e os métodos de análise. Esses percursos descritivos não tiveram, necessariamente, seus movimentos de forma linear, ou seja, eles se desenvolvem de forma espiral.

3.1.Percurso investigativo I: a escolha do método

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi utilizado o método de análise dos dados construído na/pela Análise o Discurso: o descritivo-interpretativo. Esse ultrapassa o que é descrito, de forma convencional, pelas Ciência da Natureza porque, entre outros motivos, acolhe na interpretação o subjetivo, ideológico, as incertezas, as incompletudes (no sentido da abertura e dos deslizes) e os equívocos da língua.

Considerando que essa pesquisa buscou investigar o funcionamento das discursividades em poema de cordel e do ensino dessa literatura, o método descritivo-interpretativo contém os elementos científicos necessários para essa investigação. A respeito do binômio descrição-interpretação, Pêcheux (2006, p.30) destaca que:

> uma primeira exigência consiste em dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas. Uma descrição, nesta perspectiva, não é uma apreensão fenomenológica ou hermenêutica na qual descrever se torna indiscernível de interpretar.

Orlandi (2007, p. 61), por sua vez, considera o texto o lugar de funcionamento das discursividades:

> Como toda peça de linguagem, como todo objeto simbólico, o texto é objeto de interpretação. Para a AD esta sua qualidade é crucial. É sua tarefa compreender como ele produz sentido e isto implica compreender tanto como os sentidos estão nele quanto como ele pode ser lido. Esta dimensão, eu diria ambígua, da historicidade do texto, mostra que o analista não toma o texto

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

> como o ponto de partida absoluto (dada a relação de sentidos) nem como ponto de chegada.

Esse método descritivo-interpretativo possibilitou trilhar os caminhos da pesquisa, passando pelas três etapas: superfície linguística, objeto discursivo e processo discursivo (Barros, 2015, p. 94).

> São, portanto, três níveis necessários para a análise. Um relaciona-se com a materialidade linguística; outro, com sua transformação em discurso; e o último, com o estado da discursividade, que é o processo discursivo resultante da relação entre as superfícies linguísticas e os objetos discursivos.

3.2.Percurso investigativo II: ensino, descrição e interpretação

Nesse percurso, há uma descrição-interpretação, sempre no batimento com a teoria, dos recursos linguístico-discursivos em um poema de cordel (A Triste Partida, de Patativa do Assaré) em livros didáticos de língua portuguesa.

3.3.Percurso investigativo IV: construção de um arquivo de análise (constituição do *corpus).*

A finalidade desse percurso foi a delimitação dos textos e das condições de produção do discurso, por meio de um recorte de enunciados com sequências discursivas. Estas formaram o quadro das discursividades sobre o ensino do/com cordel.

Para a constituição do *corpus* dessa pesquisa, foram selecionados dois livros didáticos de língua portuguesa, os quais formam o objeto dessa investigação. Eles tratam **do** ensino do cordel; outros do ensino **com** cordel outras abordam as duas possibilidades. Outro elemento que fez parte do corpus dessa pesquisa foi uma atividade de compreensão veiculada na internet acerca do poema *A Triste Partida*, de Patativa do Assaré. Por fim, foi usado um folheto de cordel sobre esse poema do poeta cearense para o batimento comparativo entre a compreensão fetichizada e a interpretação discursiva.

Segue breve descrição do quadro desse *corpus:*

a) livro ***Para viver juntos:*** *português,* 7º Ano: anos finais. 2ª ed. COSTA, Cibele Lopresti; NOGUEIRA, Everaldo; MARCHESI, Greta. São Paulo: Edições SM, 2018;

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

b) livro **Gramática:** livro do professor- 1ª série. 1ª ed. Coleção Integrada. NICOLA, José de. Fortaleza: Sistema Ari de Sá de Ensino, 2021.

c)Poema A Triste Partida: Fonte: http://portugues-na-sala-de-aula.blogspot.com/2008/06/triste-partida-trabalho-com-texto-oral.html.

d)Folheto de cordel A Triste Partida, de Patativa do Assaré

4. RESULTADO E DISCUSSÕES

4.1. A política de silenciamento e a contra identificação do sujeito no folheto de cordel " a triste partida", de Patativa do Assaré

Neste tópico, há dois tipos de gestos de leitura do poema "A triste partida", do poeta e compositor cearense Patativa do Assaré. Primeiro, é construída uma interpretação linguística, ou seja, o olhar direcionado para a estrutura do poema. Em seguida, é feita uma interpretação discursiva desse cordel. O objetivo é apresentar as diferenças nas duas formas de constituição dos gestos de leitura**.**

A seguir, é apresentado um exemplo de leitura do poema **"**A triste partida", encontrado na internet, à luz do fetiche da estrutura usado em uma atividade de ensino do componente curricular Língua Portuguesa na Educação Básica.

A TRISTE PARTIDA

INTERPRETAÇÃO DO TEXTO

1. Há um inseto que, ao cantar, mostra a continuidade da seca, ou seja, diz que a chuva está distante. Nesse texto, podemos identificá-lo. Trata-se do seguinte inseto:

A - formiga
B - cigarra
C - abelha
D - gafanhoto
E - mosquito

2. Ao viajar, o nordestino vendeu suas coisas. Quem comprou seus pertences foi:

A - um padre
B - um comerciante
C - um mendigo
D - um amigo
E - um fazendeiro

3. O transporte utilizado para a longa viagem foi:

A - trem
B - avião
C - caminhão

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

D - navio
E - automóvel

Fonte: http://portugues-na-sala-de-aula.blogspot.com/2008/06/triste-partida-trabalho-com-texto-oral.html

Nessa atividade pedagógica, o sentido está na estrutura do poema. As respostas encontram-se na materialidade linguística. A superfície textual é o lugar-casa dos sentidos. Geralmente, são assim os gestos de leitura da literatura de cordel nos livros didáticos. Nesses tipos de leitura, a equivocidade da língua e a incompletude são apagadas/silenciadas. O texto, assim, é visto como um espaço estabilizado.

Outra forma de leitura desse poema é a interpretação discursiva. Nela, os gestos de compreensão são construídos nas camadas internas do texto, no universo do discurso, no entremeio entre língua e história. O ponto de partida e de chegada é o silêncio da/na língua. O silêncio, como afirma Orlandi (2007, p. 48), "não fala, significa".

O silêncio passeia por diversos espaços. Ele está na arte, religião, economia, folclore, família, redes sociais, na literatura e nas pesquisas científicas, sejam elas das ciências da natureza ou das ciências humanas e sociais. O silêncio está nas gravuras rupestres. O significado delas para os grupos que as produziram se perdeu no tempo porque é dependente do contexto social. O que para nós hoje pode significar uma folha em um petróglifo (gravura na rocha), para os sujeitos produtores da época poderia ser uma forma de avisar que naquele local tinha cobra.

"E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado: — Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?". Nesse fragmento do romance "A hora da estrela", de Clarice Lispector, fica evidente a característica do silêncio de não falar e sim significar. Com medo de o silêncio significar ruptura no diálogo logo no encontro em que se apresentava para o seu futuro namorado, Macabéa toma a iniciativa de falar. É a ação de falar, mesmo que sejam coisas absurdas (*gosto tanto de parafuso e prego*) que funciona como anti silêncio. O verbal e o silêncio, dessa forma, são colocados como signos no processo de significação. Ambos significam.

Entre as duas principais formas de silêncio, há o silêncio o fundante e a política de silenciamento (constitutivo e local).

> No caso presente, o que nos interessa é sobretudo fazer aparecer, em relação às categorizações das formas de silêncio, duas delas: a) o silêncio fundante; b) a política do silêncio (o silenciamento).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

> A primeira nos indica que todo processo de significação traz uma relação necessária ao silêncio; a segunda diz que- como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito- ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo 'outros' sentidos. Isso produz um recorte necessário no sentido. Dizer e silenciar andam juntos. (Orlandi, 2007, p. 53).

Nessa interpretação do folheto de cordel "A triste partida", de Patativa do Assaré, fizemos um recorte e utilizamos como procedimento metodológico de análise a categoria silenciamento, a qual para Orlandi (2007, p. 53) é "uma forma não de calar mas de dizer 'uma' coisa, para não deixar dizer 'outras'. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Essa é uma dimensão política".

A interpretação desse poema de cordel demonstra a ruptura com Deus, por meio do silenciamento, do sujeito agricultor-retirante-escravo, assumindo, assim, uma postura transgressora da forma-sujeito, o qual, nesse trágico poema de Patativa do Assaré, foge da seca e da fome em busca de uma qualidade de vida melhor, mas termina seus dias como escravo nas mãos de representantes do capitalismo.

O sujeito retirante, geralmente, representava ameaça aos moradores da cidade por vários motivos. Eram considerados estranhos pelos habitantes urbanos e, famintos, podiam realizar saques em supermercados e comércio para matar a fome. O estranhamento se dava também pelo fato de serem pessoas sem referência familiar em relação a esses moradores da cidade. Não tinham "nome". Eram apenas flagelados ou retirantes.

A falta, a lacuna, o apagamento, os silêncios estão ligados ao termo retirante. Os dicionários descrevem-no como um sujeito que se retira ou deixa um lugar. A pintura de Di Cavalcanti, a literatura de Graciliano Ramos e de Rachel de Queiroz, o teatro de João Cabral de Melo Neto e o cinema de Gláuber Rocha, por exemplo, ajudaram a construir essas discursividades estabilizadas do retirante como um sujeito vitimizado pelo sistema, pobre, coitado, pedinte, ou seja, um mendigo ambulante. Em algumas práticas discursivas, não raro, ele é animalizado, como no romance Vidas Secas, de Graciliano Ramos: "*Você é um bicho, Fabiano".*

O retirante é um sujeito transgressor que produz um movimento de contraidentificação com a formação discursiva dominante para se identificar com outras formações discursivas, construindo um exercício de busca da liberdade, a qual não é conseguida, e de fuga da morte como destino, rompendo com alguns discursos, especialmente os cristãos. Nesse poema de Patativa do Assaré, o sujeito

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

retirante morre como agricultor e sofre violências em suas subjetividades como sujeito do sertão porque tem de passar por mudanças profundas na sua relação com o outro.

3.3.Análise do gênero cordel em livros didáticos de língua portuguesa: entre o fetiche da forma e a interpretação discursiva

Figura 1: Sequências discursivas de livro didático de Língua Portuguesa



Fonte: COSTA, Cibele Lopresti; NOGUEIRA, Everaldo; MARCHESI, Greta. ***Para viver juntos:*** *português,* 7º Ano: anos finais. 2ª ed. São Paulo: Edições SM, 2018.

Na sequência discursiva " *A linguagem do texto*", esse livro apresenta quatro questões sobre o poema da literatura de cordel "O boi zebu e as formigas", de Patativa do Assaré. Nelas, existem onze itens. Em todos eles, o olhar do aluno é voltado para a forma do texto. É solicitado que o estudante identifique o número de estrofes e de versos e o esquema de rimas. Na última questão, o aluno deve marcar expressões que foram grafadas fora da norma padrão. Percebemos, nessa abordagem, como o fetiche da forma impossibilita o correto trabalho com em uma perspectiva discursiva. Esse tópico sobre linguagem poderia analisar os seguintes versos:

Já se sabe que a formiga

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

Cumpre a sua obrigação
Uma com outra não briga
Vive em perfeita união,
Paciente, trabaiando
Suas fôia carregando,
Um grande exemplo revela Naquele
seu vai e vem.
E não mexe com ninguém
Se ninguém mexê com ela

O livro poderia perguntar: que imagens são construídas nessa estrofe sobre a representação das formigas? Considerando que as formigas representam o povo, conforme o que é dito na última estrofe do poema, essa união é real ou esses versos escondem/apagam os conflitos existentes em qualquer grupo social? A quem interessa negar esses conflitos e pregar essa união ilusória do povo?

Já nesta atividade de interpretação acima vinculada a uma suposta reflexão linguística, o aluno é convidado a olhar somente para a superfície do texto. Na alternativa "a" da questão, a resposta ao questionamento encontra-se no próprio cotexto, qual seja, a primeira etapa da xilogravura: o desenho invertido na madeira. O aluno vê essa resposta no dito (últimos versos da segunda estrofe) e no que é visto (imagem mostrando a construção desse desenho). Já a alternativa "b" faz referência ao uso da forma verbal "*chamam"* somente para classificar a oração com sujeito indeterminado.

Em uma interpretação discursiva, à luz dos estudos de M. Pêcheux e dos de E. Orlandi, essa atividade poderia abordar: a) sobre o interdiscurso no uso da forma verbal *chamam;* b)da classificação da xilogravura em arte pura (o não-dito aí diz que existe arte impura); c) os aspectos ideológicos nos versos *"o artista que faz xilo/ele vive tão tranquilo"* (o que é viver tranquilo?).

No que diz respeito às atividades desenvolvidas com interpretação de poemas de cordel, pode-se usar os seguintes questionamentos de Orlandi (2012, p.158) : "a escola, quando ensina a ler, propicia ao aluno as condições para que se produza a compreensão? Atinge o funcionamento ideológico da linguagem?"

A escola, geralmente, segue a perspectiva estruturalista nas atividades de interpretação do gênero cordel, negando a "exterioridade constitutiva na construção dos sentidos: o interdiscurso, a memória, um 'já' dito anterior e exterior à existência de qualquer dito" (Orlandi, 2007, p. 138).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

Sem interpretação discursiva, não se possibilita ao aluno a abertura do poema de cordel para outros elementos do processo da construção dos sentidos. Para o desenvolvimento dessa análise discursiva com os alunos, o professor da Educação Básica teria de dominar alguns aspectos metodológicos da Análise do Discurso. Sabe-se, porém, que os profissionais de Letras e de Pedagogia (que trabalham diretamente com o ensino de leitura), em sua formação, geralmente, não recebem a preparação teórico-prática para o trabalho com análise discursiva de textos.

3.3.2.O excesso, a falta, o estranhamento e os efeitos de sentido na interpretação de poema de cordel em um livro didático de língua portuguesa

Figura 2: sequências discursivas de livro didático de Língua Portuguesa



Fonte: NICOLA, José de. **Gramática:** livro do professor- 1ª série. 1ª ed. Coleção Integrada. Fortaleza: Sistema Ari de Sá de Ensino.

Seguindo a trilha da interpretação discursiva, nesse tópico é feito o batimento da descrição-interpretação numa perspectiva pecheutiana. A sequência discursiva é um recorte do capítulo 13 do livro didático aqui referenciado, o qual apresenta como título a sequência "*ideias principais*". Os objetivos de aprendizagem desse capítulo são: a)compreender as características principais que definem trabalho análogo á escravidão na contemporaneidade; identificar a ideia central, as ideias principais e as ideias secundárias de um texto; organizar esquematicamente as ideias de um texto.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

As seções desse recorte tem as seguintes marcas discursivas: na página 1(p.18 no livro), “este capítulo na BNCC (lado esquerdo da página); ideias principais, objetivos de aprendizagem, texto introdutório, o poema de cordel Escravidão? Deus me livre” e orientações didáticas (no centro da folha no canto superior). Na p.2 (p.19 do livro), a continuação do cordel e “começo de conversa”, também na parte central da folha. No canto superior direito, percebemos a marca discursiva “interpretação textual”. Ainda nessa página, no lado direito, em uma marca gráfica de canto superior ao inferior, há orientação ao professor acerca de aspectos metodológicos na mediação da aprendizagem. Por fim, na página 3 (p. 20 do livro), temos “sugestões de site” e “entrelinha”.

O recorte da materialidade linguística (termo que não coincide com materialidade discursiva) dessa sequência discursiva é constituído por três das quinze páginas do capítulo desse livro didático de língua portuguesa. As marcas discursivas objeto da nossa análise nesse recorte são: a) “*este capítulo na BNCC”; b) “analisar”; c) “cordel”; d) “Severino”; “Alguns versos do cordel apresentam desvios de concordância, como em ‘que vê seus filho indo embora’ e “uns minino e mulher que chora’. Por que isso ocorre?”; e) “entrelinha”*. Além dessas marcas discursivas, interpretaremos aspectos da composição das imagens humanas, como as cores, linhas, enquadramento e formas nessa sequência discursiva.

A interpretação dessas marcas discursivas segue a trilha aberta por Ernst-Pereira (2009). Para essa autora, a falta, o excesso e o estranhamento são conceitos que podem ser mobilizados no processo interpretativo que tem na AD francesa a âncora conceitual.

> Esses conceitos aqui tomam uma dimensão, pode-se dizer operacional, de reconhecimento de sequências discursivas que possibilitam criar o gesto de interpretação do analista frente aos seus propósitos, funcionando como princípios gerais e não como dispositivos técnicos, de caráter formalista ou empírico. Ao contrário, tais conceitos podem e devem abrigar incontáveis modos do dizer e do não-dizer. Assim, numa dada conjuntura histórica frente a um dado acontecimento, aquilo que é dito demais, aquilo que é dito de menos e aquilo que parece não caber ser dito num dado discurso, constitui-se numa via possível, mesmo que preliminar e genérica, de identificação de elementos a partir dos quais poderão se desenvolver os procedimentos de análise do *corpus (*Ernst-Pereira, 2009, p. 8*).*

Nesse caminho trilhado a partir dos conceitos de falta, estranhamento e excesso, não se considera que existe um sentido real nos textos. As sequências discursivas não guardam esse sentido, como se o protegessem dos indivíduos que

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

não conseguem decifrá-lo. Como se as sequências discursivas dissessem, assim como a Esfinge, “decifra-me ou devoro-te”. A Análise de Discurso francesa não faz parte das ciências régias, as quais consideram que existe um real com estabilidade nos sentidos para ser decifrado.

A marca discursiva “ESTE CAPÍTULO NA BNCC” pode ser interpretada à luz do que Ernst-Pereira (2009, p. 9) aponta como estranhamento:

> o *estranhamento* – estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do ex-cêntrico, isto é, daquilo que se situa *fora* do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significante, marcando uma *desordem* no enunciado. Aqui se dá o rompendo (ou não) a estrutura linear do enunciado. Possui como características a imprevisibilidade, a inadequação e o distanciamento daquilo que é esperado.efeito de *préconstruído* através do qual “um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado antes, em outro lugar, independentemente”.

Apresentada em primeiro plano, da esquerda para a direita na mancha gráfica da folha, a marca discursiva “ESTE CAPÍTULO NA BNCC” é o primeiro elemento da leitura da superfície. Funciona como uma introdução ao elemento central. Em uma perspectiva intradiscursiva, o termo “capítulo” substitui “livro” e a preposição “na” situa o capítulo/livro no mesmo lugar da BNCC. Isso produz uma inadequação, característica do estranhamento, do tipo contém está contido, ou seja, de contiguidade. Dizendo de outra forma: a materialidade linguística produz estranhamento porque não é possível um livro/capítulo “estar” na BNCC e sim o oposto. A preposição “na” remete a lugar. “Esse capítulo na BNCC” diz que o livro está na BNCC e isso não é possível. Os efeitos de sentido seriam diferentes se o enunciado fosse “Este capítulo e a BNCC” ou “A BNCC neste capítulo”.

O estranhamento dessa marca discursiva também é resultado da falta da palavra “está” na sequência discursiva “Esse capítulo na BNCC”.

> A *falta* pode ocorrer, no nível intradiscursivo, através de diferentes processos de ordem sintática e lexical em que algo *falha* na estrutura gramatical. Alguns desses processos normalmente são interpretados, aos olhos da gramática tradicional, como formas de dizer vinculadas às intenções estéticas de quem as usa. Aqui elas têm um outro estatuto. Ligam-se às determinações históricas de quem as produz. Enquadram-se nesse caso: a elipse, concebida como uma “falta necessária” pela gramática (cf. Haroche, 1992), as reticências, o zeugma, certas omissões de determinantes, as nominalizações que apagam o agente, as passivas sintéticas ou analíticas também com o apagamento do agente, substituições lexicais cujo termo substituinte é genérico, etc (Ernst-Pereira, 2009, p. 9).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

O apagamento da marca discursiva "*está"* funciona no enunciado para esconder, na materialidade linguística, esse estranhamento. Se não fosse apagada essa palavra, o enunciado seria "ESTE CAPÍTULO ESTÁ NA BNCC".

O estranhamento e a falta operam no plano intradiscursivo e interdiscursivo. A sequência discursiva "*ESTE CAPÍTULO NA BNCC"* irrompe na formação discursiva pedagógica por meio de pré construídos dos discursos do capitalismo e da propaganda. "*ESTE CAPÍTULO NA BNCC"* funciona, para os efeitos de sentido, como um slogan de uma mercadoria que está sendo vendida: o livro. Dizer que o livro "está na BNCC" ajuda a vender a obra como um material de apoio didático que obedece ao que a BNCC obriga por ser lei federal. Como sabemos, o livro didático é feito para ser vendido (para as escolas particulares ou Mec, que o distribui para as escolas públicas). Assim, a formação discursiva pedagógica é atravessada/invadida por outras formações discursivas a partir da inclusão do capítulo, por meio da preposição "na" e do apagamento da forma verbal "está", na sequência discursiva "Este capítulo na BNCC".

Outra marca discursiva entre as definidas no recorte do *corpus* dessa pesquisa que tem os efeitos de sentido atravessados pelo estranhamento é a que remete ao universo da gramática prescritiva*: "Alguns versos do cordel apresentam desvios de concordância, como em 'que vê seus filho indo embora' e "uns minino e mulher que chora'. Por que isso ocorre?". Essa marca discursiva mantém um certo* distanciamento daquilo que é esperado (Ernst-Pereira, xxx) dos objetivos de aprendizagem descritos pelo livro nesse capítulo: compreender as características principais que definem trabalho análogo à escravidão na contemporaneidade; identificar a ideia central, as ideias principais e as ideias secundárias de um texto; organizar esquematicamente as ideias de um texto. O que as regras de concordância têm a ver com esses objetivos?

Esse estranhamento por meio do distanciamento daquilo que é esperado produz sentidos voltados para a memória discursiva estruturalista de interpretação de textos, considerando principalmente a materialidade linguística. Isso porque o olhar do aluno é direcionado para a superfície textual, onde os desvios da gramática normativa são percebidos.

Na sequência discursiva "começo de conversa", há orientações para o professor conduzir a atividade de interpretação. Acerca da marca discursiva que trata

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

dos desvios de concordância, não existe na superfície textual esse tipo de orientação. Esse apagamento/silenciamento também ajuda na construção do estranhamento como elemento operatório da interpretação.

Além da falta e do estranhamento, Ernst-Pereira (2009, p. 10) apresenta o excesso como um dos elementos para a operacionalização da interpretação discursiva.

> *excesso* – estratégia discursiva que se caracteriza por aquilo que está demasiadamente presente no discurso. Consiste: 1) no uso de incisas, considerado na gramática como um *acréscimo contingente* (cf. Haroche, 1992), de intensificadores ou na repetição de palavras ou expressões e orações. Tais usos, na perspectiva aqui adotada, constituem-se em "acréscimo necessário" ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreporem; 2) na reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscurso, mas mantêm os mesmos pressupostos ideológicos com vistas ao estabelecimento. Em suma, trata-se, nos dois casos, de buscar estabelecer provavelmente a relevância de saberes de uma determinada formação discursiva através da repetição.

No recorte da sequência discursiva há um dos aspectos do excesso: a repetição de frases e palavras. Essa repetição operada na superfície do texto, ou seja, na materialidade linguística, apaga as camadas que ficam para além da superfície, as quais contribuem para os efeitos de sentido.

Na Análise de Discurso, conceitos como saturação e esquecimentos dependem da repetição de termos na materialidade linguística. Os esquecimento 1 e 2, por exemplo, operam com base nessa repetição.

> Os sujeitos "esquecem" que já foi dito- e este não é um esquecimento voluntário- para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. É assim que suas palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam **retomando palavras já existentes** como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas mas, ao mesmo tempo, sempre outras (Orlandi, 2015, p. 34. Grifo nosso).

A repetição direciona o olhar para o que está exposto na materialidade linguística, no caso do texto verbal, na mancha gráfica, apontando por onde devemos seguir os fios dos efeitos de sentido. É o que acontece, por exemplo, com a palavra "assim" na citação acima.

A marca discursiva "cordel" foi repetidas diversas vezes na sequência do livro didático aqui descrito e que faz parte do *corpus* da nossa pesquisa. O excesso,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

operado por meio da repetição dessa palavra, tenta estabilizar discursos que defendem que o sentido do texto está na superfície dele. Para essas formações discursivas, é na materialidade linguística que está o sentido do texto. No entanto, conforme a AD, esses discursos estruturalistas apagam as camadas submersas, onde moram as ideologias, as quais interpelam o indivíduo em sujeito.

Ocorrência 1 do excesso/repetição

"Leia, a seguir, esse cordel para responder às questões adiante"

Essa ocorrência está no final da sequência discursiva "*Ideias principais*". A forma verbal "*Leia*" no imperativo aponta para a finalidade e o direcionamento da leitura do cordel, ou seja, responder às questões. A leitura é, portanto, da materialidade linguística. Para a interpretação do texto, o olhar do aluno é direcionado para a superfície do cordel. Esse direcionamento do olhar para a materialidade linguística por meio do excesso/repetição apaga os efeitos de sentido que podem ser ameaçadores, como pode ser observado nas ocorrências 2, 3 e 4 do excesso.

Ocorrência 2 do excesso/repetição

"Quem são os personagens do cordel? O que acontece com elas no texto?

Ocorrência 3 do excesso/repetição

"Alguns versos do cordel apresentam desvios de concordância, como em 'que vê seus filho indo embora' e 'uns minino e mulher que chora'. Por que isso ocorre?"

Ocorrência 4 do excesso/repetição

"Qual a mensagem do cordel? Que estrofe evidencia essa mensagem? Cite-a".

Na ocorrência 2 (" *Quem são os personagens do cordel? O que acontece com elas no texto?"),* mais uma vez, o olhar do sujeito leitor é direcionado para a materialidade linguística do cordel. As respostas são encontradas na superfície do texto, ou seja, a personagens do cordel são Severino (Biu) e o cantador (violeiro). A resposta da segunda parte da pergunta também é percebida na materialidade linguística.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

Ao direcionar o olhar do sujeito leitor para a materialidade linguística , o excesso do recorte “cordel” apaga o discurso segundo o qual a interpretação está ligada à relação da língua com a história. A repetição indica ao leitor uma trilha que busca o sentido nas palavras. O recorte “Biu”, por exemplo, aparece como elemento estranho ao percurso narrativo, mas foi usado para rimar com Brasil. Estranho porque Biu não tem ligação direta, do ponto de vista morfológico, com Severino. O uso desse recorte só se justifica pela construção da estrutura rimada. O sujeito que faz as perguntas ao leitor apaga esse estranhamento relacionado ao recorte cordel para que o olhar para a estrutura não seja desviado e isso é afetado pela ideologia. A maneira como a pergunta é feita direciona a fala do sujeito leitor.

> Ao falarmos nos filiamos a redes de sentidos mas não a aprendemos como fazê-lo, ficando ao saber a ideologia e do inconsciente. Por que somo afetados por certos sentidos e não outros? Fica por conta da história do acaso, do jogo da língua e do equívoco que constitui nossa relação com eles. Mas certamente o fazemos determinados por nossa relação com a língua e a história, por nossa experiência simbólica e de mundo, através da ideologia (Orlandi, 2015, p.32)

Ao perguntar quais são as personagens do cordel e o que elas fazem, o sujeito exige um exercício de interpretação com elementos exclusivamente da descrição, ou seja, as respostas estão vinculadas aos verbos “ser e acontece” (quem são as personagens e o que acontece com elas). Nos gestos de leitura, a interpretação do texto obedece a um movimento que envolve a estrutura, o acontecimento e a tensão entre a descrição e a interpretação. “Uma descrição, nesta perspectiva, não é uma apreensão fenomenológica ou hermenêutica na qual descrever se torna indiscernível de interpretar” (Pêcheux, 1983, p.30).

Na ocorrência 3 do excesso (“*Alguns versos do cordel apresentam desvios de concordância, como em ‘que vê seus filho indo embora’ e ‘uns minino e mulher que chora’. Por que isso ocorre?”),* há, como já demonstramos, estranhamento porque esse questionamento está desconectado com a sequência discursiva “ideias principais”. O que tem a ver os desvios da norma padrão com as ideias principais do cordel? Incluir essa pergunta em um capítulo que trata de ideias do texto (o texto no livro é visto como uma entidade que possui ideias) apaga o discurso estruturalista e reforça os preconceitos relacionados ao uso da língua por camadas populares da sociedade. No poema de Drummond que tem um verso com o verbo ter no lugar de

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

haver (*no meio do caminho tinha uma pedra)* não se fala em desvios e sim em licença poética.

Apontar os recortes "*seus filho" e uns minino*" como desvios de concordância e não como elementos da construção poética remete à falta apontada por Enrst-Pereira (2009) como procedimento metodológico da AD. A expressão "norma padrão" é apagada, pois sabemos que é disso que trata essa sequência discursiva. Não explicitar que os desvios são em relação à norma padrão apaga o conceito de erro.

CONCLUSÃO

Essa pesquisa apresentou como problemática os gestos de leitura dos poemas de cordel em livros didáticos de Língua Portuguesa e m uma atividade de compreensão textual veiculada na internet. Esse estudo analisou as discursividades sobre o ensino do/com cordel e descreveu a visão fetichizada estruturalista nas atividades de interpretação de poemas de cordel. Já o objetivo geral desse estudo foi investigar o processo de construção de sentidos no funcionamento das discursividades de/sobre o cordel.

Como Fundamentação Teórica, buscou-se apoio nas visões sistêmica, pragmática e discursiva da língua; nos conceitos de fetiche linguístico e nas discursividades sobre o cordel. Na Trilha Metodológica, usou-se o método descritivo-interpretativo da AD francesa pecheutiana.

Na discussão dos resultados, essa pesquisa demonstrou que a análise linguística não dá conta do complexo processo de interpretação. O fetiche da estrutura do cordel produz reificação. Apaga os efeitos de sentido e a historicidade. Ficou demonstrado que quando o olhar é direcionado somente para a materialidade linguística, a interpretação discursiva é interditada e silenciada. Assim, não são alcançadas as camadas do discurso.

A didatização pelos/nos livros didáticos de língua portuguesa podem esvaziar o cordel como objeto estético e, consequentemente, como arte/literatura. Esses materiais pedagógicos fazem funcionar as discursividades somente a partir da estrutura para o ensino de conteúdos desse componente curricular. A utilização do cordel como pretexto para o ensino desses conteúdos apaga-o como linguagem da arte.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

Como limitações dessa pesquisa, não foi possível avançar na descrição-interpretação do cordel como meio de vida. Essa foi uma das novidades apresentadas pelo Iphan, em 2018, na conceituação desse tipo de literatura. As outras formas de conceituar o cordel são: gênero literário, forma de expressão e veículo de comunicação. De certa forma, houve a repetição do apagamento/silenciamento que, geralmente, os livros didáticos produzem, pois são poucos que apresentam os dados biográficos dos cordelistas autores dos poemas, os quais, a exemplo de J. Borges e Leandro Gomes de Barros, tiveram o cordel como ofício e meio de vida.

Outra limitação desse estudo foi uma descrição-interpretação mais consistente das xilogravura. Embora hoje essa arte tenha uma certa autonomia em relação ao cordel, ele sempre esteve atrelado a ela. Era intuito dessa pesquisa analisar obras de J. Borges, um dos maiores xilogravuristas do Brasil, a partir de dispositivos analíticos de autores da Análise de Discurso Brasileira, os quais contribuíram bastante para os gestos de interpretação da linguagem não verbal.

Como aberturas para outros trabalhos de investigação, esse estudo sugere mais pesquisas: a) acerca do ensino de cordel e a interpretação discursiva na Educação Básica, colocando o professor de Língua Portuguesa na posição sujeito de analista do discurso; b) sobre o conceito de fetiche da estrutura na interpretação discursiva; c) acerca do fetiche na ADF: fetiche da ideologia, por exemplo (reificação do indivíduo quando é interpelado pela ideologia e o transforma em sujeito da linguagem). A relação dos esquecimentos e da memória discursiva com o fetiche.

Enfim, espera-se esse nosso estudo seja útil para pesquisadores da AD, do cordel e dos estudos da área da linguagem no geral. Porém, foi pensando nos colegas professores de Língua Portuguesa da Educação Básica que ele foi feito. Para que a interpretação discursiva faça parte das atividades cotidianas do componente curricular Língua Portuguesa, a AD pode transitar do ensino superior e da pesquisa para a Educação Básica (e continuará sendo AD).

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 1999.

ABRIL DESPEDAÇADO. Direção: Walter Salles. Brasil-França-Suíça: Imagem Filmes, 2001.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino:** invenção do "falo"-uma história do gênero masculino. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

AMADO, Jorge. In MEDEIROS, Irani (org.). No reino da poesia sertaneja: Leandro Gomes de Barros. 3. ed. João Pessoa: Patmos, 2016.

AMORIM, Maria Alice. **Peleja em rede**: vamos ver quem pode mais. Recife: Zanzar, 2020.

ARIANO, Suassuna. **Desaforo.** Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz02039907.htm.

ASSARÉ, Patativa do. **A triste partida**. Disponível em https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/patativa-do-assare-a-triste-partida-2/. Acesso em 12 jun. 2023.

ASSARÉ, Patativa do. **Brosogó, militão e o diabo.** Disponível em https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/12/02/poeta-antonio-goncalves-da-silva-producao-literaria/. Acesso em 12 jun. 2023.

AZEVEDO, Nadia Pereira Gonçalves de. **Um estudo da gagueira sob a perspectiva discursiva**. In: Revista Prolíngua. Volume 10 - Número 1 - jan/fev de 2015. p. 209. https://periodicos3.ufpb.br/index.php/prolingua/article/download/27599/14838. Acesso em 17 jan. 2022.

BACHELARD, Gaston. A Formação do Espírito Científico: Contribuição para uma Psicanálise do Conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BAZERMAN, Charles. **Escrita, gênero e interação social**. São Paulo: Cortez, 2006.

BECK, Maurício; MARCEL DA S. ESTEVES, Phellipe. **O sujeito e seus modos** – identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação. **Vista Leitura**, *[S. l.]*, v. 2, n. 50, p. 135–162, 2014. DOI: 10.28998/2317-9945.201250.135-162. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/1152. Acesso em: 16 nov. 2024.

BEZERRA, Benedito Gomes. O gênero como ele é (e como não é). São Paulo: Parábola, 2022.

BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRASIL. IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Literatura de cordel**: dossiê de registro. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf. Acesso em 13 jun. 2023.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

CARDOSO, Maurício José d'Escragnolle. **Sobre a teoria do valor em Saussure, Marx e Lacan.** Disponível em file:///C:/Users/User/Downloads/49253-Texto%20do%20artigo-60465-1-10-20130107%20(1).pdf. Acesso em 14 jul. 2023.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da teoria:* literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

COSTA, Cibele Lopresti; NOGUEIRA, Everaldo; MARCHESI, Greta. ***Para viver juntos:*** *português,* 7º Ano: anos finais. 2ª ed. São Paulo: Edições SM, 2018.
NICOLA, José de. **Gramática:** livro do professor- 1ª série. 1ª ed. Coleção Integrada. Fortaleza: Sistema Ari de Sá de Ensino

ERNST-PEREIRA, Aracy. **A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo.** Disponível em https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf. Acesso em 21 out. 2024.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GAUDÊNCIO, Mário; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Representação semântico-discursiva de cibercordéi**s. In https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/62701. https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscador-primo.html. Acesso em 17 de maio de 2022.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **Da cantoria ao folheto: o nascimento da literatura de cordel nordestina.** In https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscador-primo.html. Acesso em 17 maio de 2022.

GULLAR, Ferreira. **Romances de Cordel**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens- uma breve história da humanidade**. Tradução Janaina Marcoantonio. 42. ed. Porto Alegre: L&PM, 2019.

HAURÉLIO, Marco. Literatura de Cordel: do sertão à sala de aula. São Paulo: Paulus, 2014.

INDURSKY, Freda. **Estudos da linguagem: língua e ensino. Disponível** https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/174086/000762427.pdf?sequence=1. Acesso em 13jul 2023.
L
ISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LUCENA, Bruna Paiva de. **Cante lá que eu canto cá: poéticas populares dentro e fora da moldura.** In Estud. Lit. Bras. Contemp. (35) • Jan-Jun 2010. **Dossiê: poéticas da oralidade**.https://doi.org/10.1590/2316-4018355.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

https://www.scielo.br/j/elbc/a/5jwwJ4wnk95RWRmPxGzLfDg/?lang=ptAcesso em16 de maio de 2022.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. São Paulo: Edições Adaga; Luzeiro, 2012.

MAIA, Virgílio. **Recordel:** textos de Jorge Luis Borges (*et al*) cordelizados por Virgílio Maia. Cotia-SP: Ateliê Editorial; Fortaleza: Edições Poetaria, 2004.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

NASCIMENTO, Genivaldo do. **Literatura de cordel no espaço escolar em Petrolina-PE**: uma relação marcada por conflitos. Dissertação de Mestrado. Universidade do Quebec a Chicoutimi. Canadá. 2003.
Melo Neto, João Cabral de. **Morte e vida Severina**: auto de Natal pernambucano. 1a ed. — Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

NICOLA, José de. **Gramática:** livro do professor- 1ª série. 1ª ed. Coleção Integrada. Fortaleza: Sistema Ari de Sá de Ensino

MELO, Rosilene Alves. Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

ORLANDI, Eni. In Dias, Cristiane Pereira Costa; Costa, Greciely Cristina da; Barbai, Marcos Aurelio (organizadores). Artefatos de Leitura: Campinas, SP: LABEURB/NUDECRI/Unicamp, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** 5 ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. In: DIAS,C.P.C; COSTA, G.C; BARBAI, M.A (org.). **Artefatos de Leitura**. Campinas, SP: LABEURB/NUDECRI/Unicamp, 2020

RAMOS, Graciliano Vidas Secas. São Paulo: Record, 1998.

ROVEDO, Salomão. 100 anos de Leandro Gomes de Barros (2009). Disponível em https://archive.org/details/100AnosSemLeandroGomesDeBarros

ROVEDO, Salomão. Literatura de cordel: o poeta e sua essência (2017) Disponível em https://issuu.com/salomaorovedo/docs/salom__o_rovedo_-_literatura_de_cor/245.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** 5 ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 21/04/2026 - **Accepted:** 18/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/wpk96220
Pages: 1-31

ORLANDI, Eni Puccinelli. In: DIAS,C.P.C; COSTA, G.C; BARBAI, M.A (org.). **Artefatos de Leitura**. Campinas, SP: LABEURB/NUDECRI/Unicamp, 2020.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni P. Orlandi. 4.ed. Campinas- SP: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso: **uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução de Eni P. Orlandi et al. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

PEREIRA, Camila Sequetto *et ali.* **Universos:** língua portuguesa-6º ano; anos finais ensino fundamental. 3ª ed. São Paulo: Edições SM, 2015.

PINHEIRO, Helder. Poesia na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2018.

POSSENTI, S. **Discurso e literatura**. In:II CLISERTÃO: Congresso Internacional do Livro, Leitura e Literatura no Sertão. Caderno de resumos, artigos e programação. NASCIMENTO, G; MELO, W.(orgs.). Petrolina-PE: Franciscana, 2015.

SARAIVA, Arnaldo; AMORIM, Maria Alice. Teia de cordéis. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2013
SANTOS, Simão Pedro dos. **Cordelistas e cangaceiros**: trilhas épicas. Recife: Edupe, 2018.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Análise de discurso**: procedimentos metodológicos. Manaus: EDUA, 2024.

TEYSSIER, Paul. Dicionário de literatura brasileira. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRASK, R.L.; MAYBLIN, B. **Entendendo a linguística:** um guia prático. Tradução de Ana Carolina Gasonato. São Paulo: Leya, 2013.

ZACHARIAS, J.B. **A teoria do fetichismo em Karl Marx e a educação.** Florianópolis, SC: Editora em Debate/UFSC, 2021.

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO. Projeto pedagógico dos cursos (PPC-unificado/ Petrolina – Mata Norte). Petrolina, 2019.